



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

# Qualidade da Informação

A qualidade de auditoria no contexto  
português

Trabalho Final na modalidade de Dissertação  
apresentado à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Auditoria e Fiscalidade

por

Filipe José Ramos Pacheco

sob orientação de  
Professor Doutor Paulo Alves  
Professor Doutor Ricardo Cunha

Católica Porto Business School  
Março, 2017



# Agradecimentos

Ao Prof. Paulo Alves e Prof. Ricardo Cunha pela orientação, opiniões, críticas e ajuda incondicional na transmissão de conhecimento no desenvolvimento desta investigação.

Ao Professor Ricardo Ribeiro pelas preciosas recomendações relativas a toda a envolvente de econometria e funcionamento do programa estatístico *Stata*, que se tornou imprescindível no solucionar de dúvidas durante este trajeto.

À minha família e amigos um especial agradecimento pela força e motivação transmitida em todos os momentos. Um profundo obrigado pela paciência dos últimos meses de ausência, para que fosse possível concluir este estudo.

Aos meus colegas de trabalho da PwC, pela cooperação e máxima compreensão no decurso desta caminhada, permitindo-me uma total dedicação em prol do sucesso académico.



# Resumo

A presente dissertação tem como objetivo abordar a qualidade de auditoria na envolvente da realidade portuguesa, tendo como base algumas condicionantes que poderão influenciar a qualidade do seu trabalho.

O mercado financeiro está pouco recetivo às informações divulgadas pelas empresas, consequência dos sucessivos escândalos empresariais, surgindo então, o trabalho do auditor, desenvolvido por uma entidade externa, autónoma e independente do auditor como forma de a aumentar a confiança dos potenciais interessados nas informações das demonstrações financeiras.

Contudo, a eficácia do trabalho desenvolvido pelo auditor, por vezes é posta em causa, pelo que surge a motivação para perceber o objetivo desta investigação.

Os incentivos legais, contratuais e de interesse pessoal, são o principal incentivo para a distorção da realidade concreta das contas das empresas, originando a manipulação dos resultados. Neste estudo, foi utilizado o modelo das variações do capital circulante (*accruals*), como proxy para a mensuração do nível de manipulação de resultados fomentada pelos gestores, baseada no modelo apresentado por McNichols (2002).

Neste estudo, assume-se também como pressuposto que uma empresa com menores níveis de manipulação tem subjacente uma melhor qualidade de auditoria. Assim, utilizando como *proxy* a manipulação de resultados, estimou-se um modelo que permite testar a qualidade de auditoria. Este modelo permite perceber de que forma esta poderá ser influenciada pela dimensão da empresa de auditoria, pelo ano de troca de auditor e, por fim, pela continuidade do auditor na mesma empresa. São tidas em conta as especificidades das empresas da amostra, tal como a dimensão, a tangibilidade, o endividamento e a

rentabilidade. Esta investigação foca-se apenas nas pequenas e médias empresas, pelo facto do tecido empresarial português ser essencialmente por empresas não cotadas, em que a exposição pública é mais reduzida comparativamente às empresas cotadas.

A evidência empírica mostra que as empresas de auditoria *Big 4* apresentam uma menor qualidade de auditoria, apesar de em empresas com maior dimensão, maior endividamento ou resultados mais negativos, esta diminuição da qualidade de auditoria ser menos acentuada. Permite ainda concluir, que quanto mais tempo o auditor realiza o seu trabalho numa determinada empresa, maior é a qualidade de auditoria apresentada. Adicionalmente, no ano de troca de auditor numa determinada empresa, também é apresentado um aumento da qualidade de auditoria.

Palavras-chave: qualidade de informação; qualidade da auditoria; *accruals*; manipulação de resultados; continuidade do auditor; rotatividade do auditor; *Big 4*

# Abstract

The present dissertation seeks to understand the quality of auditing in the surrounding of the Portuguese reality, based on some constraints that may influence the quality of its work.

Financial markets are not very receptive regarding the quality of the information provided by companies, which may be the result of successive corporate scandals; hence, the job of an auditor, developed by an external, autonomous, and independent from the auditor, entity, displays an increasingly important role to augment the trust of those agents who are potentially interested in the company report.

However, the efficiency of the world developed by the auditor is sometimes doomed, hence arising the necessity of understanding the objective of this investigation.

Legal, contractual and self-interest incentives are the main stimulus for the distortion of the company financial conditions' true reality.

In this study, it was regressed a model for the variations of the company's accruals as a proxy of a measure of the level of results' manipulation influenced by managers, based on McNichols (2002) model.

In this study, it's assumed that a company with lower levels of manipulation has a better audit quality. Thus, using the manipulation of results as proxy, we estimated a model that allows to test audit quality. This model enables to understand how audit quality can be influenced by the auditor company's dimension, the year in which the auditor was replaced and, finally, the time of the auditor in the same company. There are some company's characteristics taken into consideration, such as its dimension, its tangibility, its leverage and its profitability.

This investigation focuses only in little and medium companies since Portuguese companies are mainly non-public ones, where public information is usually less than public ones.

Empirical evidence shows that bigger auditor companies (*Big 4*) have lower auditor quality. However, for bigger, more leverage and with negative earnings companies, this lower audit quality is less pronounced. Finally, it allowed to conclude that, the longer the time an auditor is with the same company, the higher the quality of the work developed. Additionally, in replacement years, the quality of the work developed by the auditor increases.

Keywords: quality of information; audit quality; accruals; earnings management; audit tenure; auditor rotation, Big 4

# Índice

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vii
Índice de Tabelas .....	xi
Introdução.....	1
Qualidade da informação .....	3
2.1 Conceito de manipulação de resultados.....	3
2.2 Incentivos à manipulação de resultados.....	4
2.2.1 Incentivos contratuais .....	5
2.2.2 Incentivos legais.....	5
2.2.3 Incentivos de origem interna .....	6
2.2.4 Incentivos na realidade portuguesa.....	6
Deteção de manipulação de resultados .....	8
3.1 Modelos baseados em <i>accruals</i> .....	8
3.1.1 Modelo de Jones.....	9
3.1.2 Modelo de Dechow e Dichev .....	10
3.1.3 Modelo de McNichols.....	12
Auditoria das Demonstrações Financeiras .....	14
4.1 Conceitos e objetivos do trabalho de auditoria .....	14
4.2 Ceticismo profissional e julgamento profissional .....	15
4.3 A Independência na relação auditor-cliente .....	16
4.4 Evolução da regulamentação do trabalho de auditoria .....	17
4.5 Qualidade da auditoria .....	19
Hipóteses e Metodologia de Investigação.....	20
5.1 Hipóteses de Investigação .....	20
5.2 Metodologias de Investigação.....	23
5.2.1 Medição dos <i>accruals</i> discricionários .....	24
5.2.2 Medição da qualidade de auditoria .....	26
Seleção da Amostra e Estatísticas Descritivas .....	31
6.1 Seleção da amostra e Recolha de Dados .....	31
6.2 Estatísticas Descritivas .....	34

6.3 Correlação das variáveis .....	36
Resultados Empíricos.....	39
7.1 Análise da medição dos <i>accruals</i> discricionários .....	39
7.2 Análise da medição da qualidade de auditoria.....	41
7.2.1 Resultados do teste da hipótese <i>H1</i> .....	41
7.2.2 Resultados do teste da hipótese <i>H2</i> .....	43
7.2.3 Resultados do teste da hipótese <i>H3</i> .....	45
7.3 Teste de Robustez.....	48
Conclusão.....	50
Bibliografia.....	53

# Índice de Tabelas

Tabela 1 - Processo de Seleção da amostra.....	32
Tabela 2 - Distribuição das observações por período .....	33
Tabela 3 - Estatísticas descritivas.....	34
Tabela 4 - Matriz de correlação de Pearson e Spearman.....	37
Tabela 5 - Resultados de estimação do Modelo A.....	40
Tabela 6 - Resultados de estimação para análise da hipótese H1 .....	42
Tabela 7 - Resultados de estimação para análise da hipótese H2 .....	44
Tabela 8 - Resultados de estimação para análise da hipótese H3.....	46
Tabela 9 - Resultados do Teste de Robustez .....	48

# Capítulo 1

## Introdução

A qualidade da informação tem ganho ao longo dos anos uma extrema importância na envolvente económica, consequência dos inúmeros escândalos financeiros.

Surge, assim, a principal motivação para o desenvolvimento da presente investigação, através da ligação de dois conceitos: manipulação de resultados e qualidade do trabalho do auditor.

A primeira dimensão sugere que os gestores das empresas têm incentivos legais, contratuais ou, até mesmo, de interesse pessoal, para que as Demonstrações Financeiras não apresentem a imagem verdadeira e apropriada da empresa, provocando uma diminuição da qualidade de informação.

A relevância da informação financeira para a tomada de decisão e a possibilidade da sua manipulação sublinham a necessidade de estudar a qualidade da informação, existindo para o efeito vários métodos, nomeadamente, o uso de rácios, os modelos baseados nos *accruals* ou a análise gráfica através de histograma da frequência do número de empresas em cada intervalo de resultados. Conforme, justificaremos adiante, o nosso estudo utilizará apenas o modelo de *accruals* como metodologia de análise empírica da prática de manipulação de resultados.

Numa segunda dimensão, surge a qualidade do trabalho desenvolvido por uma terceira parte, em que tem como objetivo emitir um parecer totalmente independente sobre as Demonstrações Financeiras, com o objetivo de aumentar a confiança dos destinatários e, conseqüentemente, aumentar a qualidade de informação. Todavia, nem sempre o trabalho projetado pelo o auditor é claro, dada a elevada subjetividade associada à qualidade do seu trabalho. A

introdução de conceitos como ceticismo profissional, julgamento profissional ou relação auditor-cliente, são imprescindíveis para perceber alguns dos problemas que podem colocar em causa a qualidade da auditoria. Para mensurar a qualidade da auditoria será utilizado como base a manipulação de resultados, no pressuposto que uma empresa com menores níveis de manipulação tem subjacente uma melhor qualidade de auditoria.

Estas duas visões, manipulação de resultados e qualidade de auditoria, contrapõem-se na ótica da qualidade da informação, contudo permitem perceber o real impacto do auditor na manipulação de resultado a vários níveis.

Assim, como objetivo final deste estudo, pretende-se perceber até que ponto a dimensão da empresa de auditoria, o momento de troca de auditor ou a continuidade do auditor na mesma empresa estarão ou não relacionados com diferentes níveis de qualidade de auditoria.

No capítulo 2 será clarificada a importância da qualidade da informação num mundo em constante propagação, a definição do conceito de manipulação de resultados e ainda os potenciais incentivos para o gestor “disfarçar” os resultados das empresas. O capítulo 3 propiciará a perspetiva dos diversos autores na realidade da investigação académica relativamente ao tema da manipulação de resultados. Chegados ao capítulo 4, será possível entender a subjetividade associada ao trabalho de auditoria e o conceito de qualidade de auditoria. O capítulo 5 entrará num campo mais específico da dissertação, apresentando as hipóteses de investigação alvo de estudo e os respetivos modelos de estimação utilizados. Já no capítulo 6 será apresentada a amostra que está na base da investigação e respetiva caracterização, de forma a entender de forma mais objetiva os resultados empíricos. Por fim, no capítulo 7, serão exibidos os resultados das regressões.

# Capítulo 2

## Qualidade da informação

Durante vários anos, a transmissão de informação e, principalmente, a qualidade da mesma tendiam a afetar um leque reduzido de pessoas, resultado da sua fraca difusão.

Com a massificação da globalização, caracterizada pelo aumento da interação e integração entre pessoas, empresas e governos de diferentes nações, tornou-se indiscutível a necessidade de divulgação de informação fiável por parte das empresas. Contrariamente ao verificado há décadas atrás, a informação divulgada não é apenas direcionada a pessoas/locais/mercados específicos, repercutindo-se nas tomadas de decisões dos indivíduos.

Num contexto empresarial, os investidores e stakeholders formam os seus juízos de valor com base nas demonstrações financeiras fornecidas pelos gestores, acreditando na fiabilidade e qualidade das mesmas. Contudo, nem sempre é possível tal ocorrência, consequência de distorções ou enviesamentos motivados por incentivos de carácter pessoal ou empresarial. Surge, assim, a necessidade de estudar o tema de manipulação de resultados.

Desta forma, nos subcapítulos seguintes, serão abordados temas como a definição do conceito de manipulação de resultados e quais os principais incentivos que levam ao enviesamento da informação financeira das empresas e que, assim, originam uma diminuição da respetiva qualidade.

### 2.1 Conceito de manipulação de resultados

Manipulação de resultados deriva da expressão anglo-saxónica *Earnings Management* e, segundo Healy e Wahlen (1999) e Schipper (1989), consiste no resultado de escolhas contabilísticas pelos gestores, através da utilização do julgamento no relato financeiro e na reestruturação de transações, com o intuito de obter ganhos específicos para si próprios ou para as respetivas empresas e, também, com vista a influenciar todos ou determinados *stakeholders* acerca do desempenho da empresa.

O concreto objetivo das demonstrações financeiras é transmitir aos seus destinatários uma “imagem verdadeira e apropriada” da situação económica e financeira da empresa. No entanto, os gestores das empresas, por vezes, não têm interesse na apresentação da objetiva realidade da empresa, deteriorando a qualidade da informação.

A qualidade da informação poderá ter, ou não, impacto nos resultados das empresas. Sendo assim, na nossa investigação assumimos que a diminuição da qualidade de informação é consequência de manipulação de resultados.

## 2.2 Incentivos à manipulação de resultados

Os incentivos à manipulação de resultados têm várias naturezas, nomeadamente fiscais, contratuais ou, até mesmo, incentivos decorrentes da regulação da atividade no país em questão<sup>1</sup>. Para ser possível fazer uma clara e objetiva formulação das questões de investigação e conseguinte interpretação dos resultados obtido é crucial perceber a base da motivação dos gestores.

---

<sup>1</sup> Na presente investigação não serão abordados os incentivos relacionados com o mercado de capitais, pelo facto de a base deste estudo serem apenas pequenas e médias empresas portuguesas. Este tipo de incentivos são importantes para os gestores cumprirem as projeções dos analistas ou resultados pré-anunciados, de forma a não defraudarem as expectativas dos investidores (Moreira, 2006).

Seguidamente, serão apresentados os diferentes incentivos que poderão estar na base da perda de qualidade da informação financeira.

### 2.2.1 Incentivos contratuais

Moreira (2006) refere que os incentivos contratuais surgem de contratos que impõem penalidades caso a empresa não atinja determinados rácios contabilísticos, reduzindo assim potenciais conflitos entre financiadores (essencialmente, obrigacionistas) e a empresa. Estas cláusulas restritivas (*covenants*) têm ainda como objetivo evitar a transferência de riqueza dos credores para os acionistas Healy e Palepu (1990).

Os gestores poderão estar mais suscetíveis à prática de manipulação de resultados dependendo dos custos impostos pelos credores (Sweeney, 1994), pelo que, segundo Watts e Zimmerman (1978), os custos associados a eventuais represálias resultantes da manipulação de resultados são menores que os resultantes do incumprimento dos *covenants*.

A violação dos *covenants* poderá ter consequências imediatas, sejam através dos elevados custos associados, ou, por outro lado, no custo da dívida num futuro financiamento, resultantes da detioração da reputação da empresa junto dos financiadores (Healy e Palepu, 1990).

### 2.2.2 Incentivos legais

Os incentivos legais, à semelhança dos incentivos contratuais, normalmente implicam penalidades relacionadas com questões legais e regulamentares.

Healy e Wahlen (1999) referem que este tipo de incentivos pode estar associado à regulação de uma indústria específica, realçando o setor bancário e dos seguros ou à regulação *anti-trust*<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Lei que restringe práticas anti-competitivas que usam o poder de mercado para limitar a produção ou aumentar os preços.

As empresas tendem a manipular menos os resultados caso sejam alvo de investigações *anti-trust* em anos posteriores a investigações (Cahan, 1992), ou caso estejam à procura de proteção aduaneira (Jones, 1991).

### 2.2.3 Incentivos de origem interna

Os gestores têm incentivos pessoais para que os seus interesses sejam beneficiados, quer através do aumento da remuneração fixa ou variável, quer através da segurança na manutenção do posto de trabalho.

Por esta razão, tendem a transferir resultados para o período seguinte, quando os limites mínimos relativos à performance para pagamento de bónus de remuneração não serão atingidos no período ou quando os limites máximos já foram ultrapassados, adotando uma política de *income smoothing*<sup>3</sup> (Guidry, Leone e Rock, 1999).

Holthausen, Larcker e Sloan (1995) concluíram ainda que as empresas com resultados acima do limite superior de bónus apresentam um nível superior de resultados diferidos (transferência de resultados para períodos posteriores) face às que as estão abaixo do limite inferior.

### 2.2.4 Incentivos na realidade portuguesa

Os incentivos à manipulação de resultados nem sempre são homogéneos, podendo variar de país para país. Sendo assim, é crucial perceber os principais estímulos contabilísticos das empresas no contexto português.

---

<sup>3</sup> *Income smoothing* é o padrão de rendimentos em que a gestão aspira manter um crescimento estável e uma taxa de crescimento previsível. A gestão pode registar ganhos discricionários, perdas, ou accruals no período que ajudem a alcançar a meta de crescimento constante. Esta técnica pode ser encarada como uma forma de gestão estruturada que premeia padrões de ganhos suaves, transparecendo um menor risco ao mercado, e conseqüente preços de ações mais elevadas. (Zucca e Campbell, 1992). Desta forma, armazenam-se resultados de anos bons para serem utilizados em anos menos favoráveis, constituindo-se assim uma espécie de “reservas” de resultados (*cookie jar reserves*).

O tecido empresarial em Portugal é essencialmente composto por pequenas e médias empresas, onde, por vezes, se confundem os gestores com os próprios proprietários (Moreira, 2006).

Na relação entre a contabilidade e a fiscalidade, o sistema contabilístico legalmente regulamentado encontra-se alinhado com o sistema fiscal, onde o cálculo do imposto sobre o rendimento tem por base as demonstrações financeiras. Surge assim, um dos primeiros estímulos à manipulação de resultados, através de políticas contabilísticas, na obtenção de um menor resultado por forma à minimização do imposto sobre o rendimento. A partilha de interesses por parte de gestores e proprietários torna este incentivo mais fácil e viável no ponto de vista de execução (Moreira, 2006).

Em sentido oposto, as empresas com mais necessidades de financiamento tendem a transparecer uma saúde financeira estável propiciando os gestores a aumentarem os resultados ou, pelo menos, reduções menos acentuadas dos mesmos (Moreira, 2006).

No entanto, Coppens e Peek (2005) mostraram que as empresas europeias não cotadas preferem adotar uma política de diminuição de resultados do que procurarem evitar apresentar prejuízos.

# Capítulo 3

## Deteção de manipulação de resultados

A deteção da manipulação de resultados tem sido alvo de vários estudos e o foco de muitos autores ao longo das últimas décadas. Podem ser utilizados vários métodos nomeadamente o uso de rácios, os modelos baseados em *accruals* e a análise gráfica através de histograma da frequência do número de empresas em cada intervalo de resultados (Moreira, 2006). Jones (1991) menciona, ainda, que podem ser usados métodos com a alteração das políticas contabilísticas ou estrutura de capitais.

Para responder às questões de investigação neste estudo será utilizado o método dos *accruals*.

### 3.1 Modelos baseados em *accruals*

Numa perspetiva contabilística, os resultados operacionais (RO) apresentados pelas empresas têm 2 componentes: fluxos de caixa operacionais (FCO) e *accruals*<sup>4</sup> (ACC). Os RO são a soma dos fluxos de caixa gerados, adicionado das componentes desse resultado que ainda não se concretizaram em recebimentos ou pagamentos (ACC).

Embora a literatura utilize os *accruals* totais, alguns modelos fazem a separação entre *accruals* não discricionários e *accruals* discricionários (Dechow, Sloan e Sweeney, 1995; Jones, 1991).

Os *accruals* não discricionários são resultantes do nível de atividade, dimensão da empresa, práticas do setor e fatores macroeconómicos (Cunha,

---

<sup>4</sup> Aqui definidos, de forma simplista, como o componente não monetário do resultado operacional.

2013). Por exemplo, empresas que registem um crescimento nas vendas tendem a ter um maior volume de *accruals*.

Por outro lado, os *accruals* discricionários resultam de transações ou opções contabilísticas que permitem a manipulação de resultados (Cunha, 2013).

Diversos estudos utilizam os *accruals* discricionários, gerados através do modelo das variações de capital circulante, como *proxy* para a medição da qualidade dos resultados apresentados pelas empresas (e.g. Healy, 1985; DeAngelo, 1986; Jones 1991; Wilson, 1988; Dechow, 1995; Dechow & Dichev, 2002; McNichols, 2002).

Em suma, este estudo irá focar abordagens-chave com o intuito de atingir o modelo que dará mais confiança para efetuar o teste à deteção de manipulação de resultados. Para tal, este será focado nos modelos estudados por Jones (1991), Dechow et al. (1995), Dechow e Dichev (2002) e McNichols (2002), sendo apresentados respetivamente abaixo. Não obstante, poderá existir o recurso a outros autores que reforçarão a escolha do modelo testado empiricamente.

### 3.1.1 Modelo de Jones

Na sua abordagem, Jones (1991) utilizou os *accruals* discricionários para medir a deteção de manipulação de resultados, recorrendo à perspetiva de DeAngelo (1986), onde as variações no total de *accruals* dizem respeito apenas a variações nos *accruals* discricionários, pelo facto de ser previsível que os *accruals* não discricionários se mantenham constantes (em média as variações são aproximadamente zero, dado serem constantes de período para período).

Posto isto, Jones (1991) propõe um modelo de *accruals* que controla as circunstâncias económicas da empresa, introduzindo duas variáveis de controlo para os *accruals* não discricionários: variação das vendas ( $\Delta VND$ ) e ativo fixo tangível (AFT).

Relativamente à primeira, a autora visa controlar o ambiente económico da empresa, por ser uma medida objetiva para eventuais manipulações dos gestores. Para tal, é esperado que a estimativa do coeficiente seja positiva, já que está relacionado com o crescimento das vendas. Quanto à segunda, é introduzida para controlar os *accruals* discricionários relativo às despesas de depreciação dos AFT, sendo esperado uma estimativa do coeficiente negativa, dado estar relacionado com as depreciações (Moreira, 2006).

Para resolver o problema da heterocedasticidade, Jones (1991) divide ambos os membros da equação pelo total do ativo em  $t-1$ .

Em suma, a *proxy* dos *accruals* discricionários é dada pela diferença entre o valor efetivo e o valor estimado dos *accruals* totais (ACC), representada pelo erro de previsão ( $u_{i,t}$ ). A hipótese de  $u_{i,t}$  ser diferente de zero, sugere um indício de manipulação de resultados.

Jones (1991) indica, como limitação ao seu modelo, a possibilidade de manipulação das vendas pelos gestores para diminuírem os resultados reportados. Conclui que nem todas as vendas deveriam ser consideradas como *accruals* não discricionários.

Dechow et al. (1995), para colmatar esta lacuna, considera a variação das vendas deduzida da variação de recebimentos. Para este raciocínio, o autor assume como pressuposto que todas as vendas a crédito, não recebidas no período, são consideradas *accruals* discricionários. Por fim, conclui que o seu modelo apresenta melhorias, comparativamente ao modelo de Jones (1991), dado este conferir um nível mais baixo de erros tipo II<sup>5</sup>.

### 3.1.2 Modelo de Dechow e Dichev

---

<sup>5</sup> Segundo Dechow et al. (1995) a potência da estatística teste é avaliada verificando a frequência que os erros tipo II são gerados. Menciona ainda que os erros tipo II ocorrem quando a hipótese nula é falsa e mesmo assim o investigador não a rejeita a hipótese nula.

Os autores alteram a habitual abordagem estudada na literatura até então, com a apresentação de um modelo de medição da qualidade dos *accruals* e, conseqüentemente, os resultados das empresas.

Contudo, ao contrário de Jones (1991), Dechow e Dichev (2002), apresentado como DD, entenderam que deveriam avaliar os *accruals* com um todo, pelo que não separam os *accruals* discricionários dos *accruals* não discricionários.

O modelo explicado por DD ajusta o reconhecimento dos fluxos de caixa ao longo do tempo, que permite analisar a origem e a reversão dos *accruals* do capital circulante.

Existe um enfoque nos *accruals* do capital circulante, pelo facto dos reconhecimentos de fluxos de caixa normalmente ocorrerem dentro de 1 ano.

Dechow e Dichev (2002) consideraram que os resultados do período são o somatório dos fluxos de caixa e *accruals* do período. Contudo, assumem que todos os *accruals* geram fluxos de caixa dentro de 1 período.

$$Resultados_t = FC_t^{t-1} + FC_t^t + FC_t^{t+1} + \varepsilon_{t+1}^t + \varepsilon_t^{t-1}$$

em que:

$FC_t^{t-1}$  representa o fluxo de caixa que ocorre no período anterior ao reconhecimento do montante em resultados;

$FC_t^t$  representa o fluxo de caixa que é recebido ou pago no mesmo período em que é reconhecido em resultados;

$FC_t^{t+1}$  representa o fluxo de caixa que ocorre no período posterior ao reconhecimento do montante em resultados;

$\varepsilon_{t+1}^t + \varepsilon_t^{t-1}$  representa os erros e correções resultantes do erro da estimativa dos *accruals*.

DD chega ao modelo pretendido em que a medida dos *accruals* é dada pela variação no capital circulante, sendo que os fluxos de caixa operacionais são a *proxy* dos fluxos de caixa relacionados com os *accruals*.

Dechow e Dichev (2002) referem ainda que os resíduos da regressão não estão correlacionados com as variáveis de fluxo de caixa e que o desvio padrão dos resíduos é a medida de qualidade dos *accruals* (quanto maior o desvio padrão, mais baixa é a qualidade dos *accruals*).

Sendo assim, modelo final apresentado por DD é o seguinte:

$$\Delta Capital\ Circulante_t = b_0 + b_1 FCO_{t-1} + b_2 FCO_t + b_3 FCO_{t+1} + \varepsilon_t$$

### 3.1.3 Modelo de McNichols

No seu estudo, McNichols (2002) ligou as duas abordagens, Dechow e Dichev (2002) e Jones (1991).

Relativamente à primeira abordagem, o autor refere que o modelo de DD contribuiu com um importante elemento para medir a qualidade dos resultados (output da relação entre *accruals* e fluxos de caixa).

Quanto ao segundo autor, McNichols (2000) demonstrou, ainda, que as estimativas discricionárias de Jones (1991) ainda continham efeitos não discricionários.

Bernard e Stober (1989) e Dechow, Kothari e Watts (1998) mostraram que os ajustamentos nos *accruals* não ocorrem apenas durante um período, mas sim durante vários períodos. Contudo, Jones (1991), no seu modelo, assumiu apenas os *accruals* referentes às vendas do período são relevantes, pelo que alterações passadas ou futuras não têm importância.

Desta forma, McNichols (2002) mencionou que a antecipação de futuras vendas, tendo por base uma previsão de crescimento, podem influenciar as estimativas dos gestores, com impacto nos *accruals*.

Considera ainda que, as vendas são uma variável omissa e que está correlacionada com os resíduos, pelo que, deve ser incluída ao modelo de Dechow e Dichev (2002). Este *input* ao modelo de DD fornece uma interpretação sobre a magnitude do erro das variáveis de fluxos de caixa.

# Capítulo 4

## Auditoria das Demonstrações Financeiras

Os relatórios financeiros são o principal meio de comunicar a informação financeira para todos aqueles fora da empresa. Dada a assimetria de informação e potenciais conflitos de interesse entre a gestão da empresa e os destinatários das demonstrações financeiras, a auditoria a esta informação, por uma entidade independente, está associada à melhor qualidade da informação divulgada pela gestão (Johnson, Khurana e Reynolds, 2002).

### 4.1 Conceitos e objetivos do trabalho de auditoria

O auditor, ao longo do seu trabalho, desenvolve um planeamento objetivo composto pelo conhecimento detalhado do negócio da empresa auditada, revisão dos papéis de trabalho anteriores, indagações à gerência e diversos testes e análises. No final do trabalho, a finalidade de uma auditoria é aumentar o grau de confiança dos utilizadores das demonstrações financeiras. Isto é conseguido pela emissão de um parecer sobre se as demonstrações financeiras estão, ou não, isentas de distorções materialmente relevantes em todos os aspetos materiais, de acordo com um referencial de relato financeiro aplicável (International Federation of Accountants, 2009). O trabalho de auditoria é considerado de qualidade, quando o auditor exprime uma opinião correta sobre as demonstrações financeiras, e estas, apresentam de forma verdadeira e apropriada a posição financeira da empresa, bem como os resultados das operações e os fluxos de caixa (Costa e Moreira, 2010).

Não obstante, a opinião do auditor não assegura a viabilidade futura da entidade nem a eficácia com que a gerência conduz os seus negócios (International Federation of Accountants, 2009).

O planeamento e a execução da auditoria implicam que o auditor exerça um trabalho independente baseado no julgamento profissional e que mantenha o ceticismo profissional. Nos próximos pontos serão abordados estes assuntos cruciais na rotina do auditor.

## 4.2 Ceticismo profissional<sup>6</sup> e julgamento profissional<sup>7</sup>

O sistema de normalização contabilística tem como principal preocupação a regulação de princípios que são mais relevantes para os utilizadores, como consequência da subjetividade implícita nas tomadas de decisão dos órgãos de gestão. Assim, a postura e a atitude do auditor enquanto profissional são um ponto fulcral para uma auditoria de qualidade.

Para o desenvolvimento de uma auditoria independente é imprescindível que o auditor exerça julgamento profissional e mantenha o ceticismo profissional durante o planeamento e a execução do trabalho de auditoria. Estes dois conceitos são cruciais para:

- Avaliar riscos de distorção material<sup>8</sup> devido a erro ou fraude;
- Obtenha prova de auditoria suficiente e apropriada sobre distorções materiais;

---

<sup>6</sup> Atitude que inclui uma mente interrogativa, alerta para condições que possam indicar uma possível distorção devido a erro ou a fraude, e uma apreciação crítica da prova (International Federation of Accountants, 2009).

<sup>7</sup> Aplicação de formação, conhecimento e experiência relevantes, no contexto das normas de auditoria, de contabilidade e éticas, para tomar decisões com fundamento acerca das linhas de ação apropriadas nas circunstâncias do trabalho de auditoria (International Federation of Accountants, 2009).

<sup>8</sup> Resulta do conceito de materialidade. Pelo que este é aplicado pelo auditor tanto no planeamento como na execução da auditoria e na avaliação do efeito de distorções identificadas na auditoria e de distorções não corrigidas, se existirem, nas demonstrações financeiras (International Federation of Accountants, 2009).

- Forme uma opinião sobre as demonstrações financeiras baseada nas conclusões extraídas da prova de auditoria.

O comitê de normas de auditoria da secção de Auditoria da *American Accounting Association* respondeu à carta da Comissão Europeia sobre o “*Green Paper: Audit Policy: Lessons from the Crisis*”, onde mencionou que o ceticismo pode ser reforçado através da prática no “campo” mas, principalmente, através da observação das ações da equipa pelos superiores do trabalho de auditoria, como por exemplo, *Managers* ou *Partners* do trabalho (Comissão Europeia, 2011).

### 4.3 A Independência na relação auditor-cliente

Para que sejam postas em práticas os dois conceitos abordados na secção anterior é imprescindível a independência do auditor na relação auditor-cliente. O auditor tem que ter a capacidade de manter um ponto de vista imparcial na realização das suas funções, de forma a garantir um parecer/relatório de auditoria de alta qualidade (Odia, 2015).

Isto prende-se com o facto do trabalho de auditoria acrescentar credibilidade às demonstrações financeira apresentadas pela gestão, resultante da verificação independente da gestão, diminuindo o risco de informação dos investidores (Mansi, Maxwell e Miller, 2004).

A assimetria de informações auditor-cliente reduz-se ao longo do tempo, resultado do maior conhecimento adquirido que o ajuda a detetar mais distorções materiais no relatório financeiro. Solomon, Shields e Whittington (1999) mostraram no seu estudo que os auditores especializados numa determinada industria têm relativamente mais conhecimento dos erros comuns das demonstrações financeiras, nessas mesmas industrias.

Isto implica que a qualidade de auditoria seja menor nos primeiros anos de relação auditor e aumente à medida da duração do mandato do auditor. Geiger e Raghunandan (2002), através do seu estudo, encontraram evidência de que os longos mandatos de auditoria não estão associados a falhas nos relatórios financeiros, pelo que, os mandatos não necessitam de ser diminuídos.

O mandato do auditor pode ser caracterizado por 2 dimensões: o mandato da empresa de auditoria ou o mandato do sócio responsável pelo trabalho, contudo, no âmbito deste estudo, apenas iremos abordar a primeira.

Odia (2015), na sua revisão de literatura, verificou que alguns estudos concluem que a qualidade da auditoria diminui com o aumento do tempo de mandato do auditor. Por outro lado, refere, também, que outros autores concluem que têm uma relação positiva.

#### 4.4 Evolução da regulamentação do trabalho de auditoria

Após grandes escândalos (Enron e WorldCom), o congresso dos EUA em 2002 decidiu criar uma lei, denominada de Sarbanes-Oxley (SOX), com o objetivo de proteger os acionistas e o público em geral de erros de contabilidade e práticas fraudulentas nas empresas, bem como melhorar a precisão das divulgações corporativas. No seguimento da SOX, foram atribuídos à Securities and Exchange Commission (SEC), Comissão de Valores Mobiliários, novos poderes. Assim, começou a publicar as regras sobre os requisitos que as empresas e os seus auditores devem cumprir e, ainda, a verificar o cumprimento desta lei (Kim, Lee e Lee, 2015). Pelo que, a Public Company

Accounting Oversight Board (PCAOB)<sup>9</sup> “supervisiona a auditoria das empresas públicas, com o objetivo de proteger os investidores e o interesse público, através da promoção de relatórios de auditoria informativos, precisos e independentes”(PCAOB).

Com a crise de financeira de 2007-2009, a credibilidade das demonstrações financeiras auditadas começou a suscitar dúvidas. Desta forma, os reguladores e políticos dos Estados Unidos e da União Europeia, anunciaram novas soluções para melhorar os relatórios financeiros das empresas, como o mandato de rotação da empresa de auditoria (MREA), restrições a mais serviços que não sejam auditoria, ou concurso público para nomeação de auditores (Comissão Europeia, 2011; Public Company Accounting Oversight Board, 2011).

Em particular, os reguladores dos EUA consideraram, e em 2014 o Parlamento Europeu aprovou a adoção do MREA, para meados de 2016, que visa a rotação obrigatória do auditor baseada na proposta de 2011 que contemplou forçar a rotação do auditor e forçar as empresas de auditoria a separarem os negócios de consultoria. Michel Barnier, comissária europeia responsável pelo Mercado Interno e Serviços, após a votação, referiu que as “novas medidas vão reduzir os riscos de excessiva familiaridade entre revisores oficiais de contas e os seus clientes, incentivar um novo pensamento e limitar os conflitos de interesse” (Chasan, 2014). Contudo, dado esta investigação não abordar empresas cotadas ou empresas de interesse público<sup>10</sup> não será abordado de forma pormenorizada a questão da rotação obrigatória da empresa de auditoria<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> PCAOB é uma corporação sem fins lucrativos, nomeada pelo SEC.

<sup>10</sup> Nos termos da alínea l) do art.º 2º do Decreto-Lei n.º 225/2008, de 20 de Novembro são as empresas públicas que, à (e a partir da) data da sua entrada em vigor, durante dois anos consecutivos, apresentem um volume de negócios superior a € 50 000 000 ou um ativo líquido total superior a € 300 000 000.

<sup>11</sup> Embora os novos auditores sujeitos ao Mandato de Rotação da Empresa de Auditoria (MREA) tenham uma visão fresca objetiva e independente, têm pouco conhecimento do negócio e da indústria dos seus novos clientes. Assim, o autor refere que a qualidade das demonstrações financeiras vai depender comportamento do novo auditor, pelo que caso este não tenha um comportamento independente e não

## 4.5 Qualidade da auditoria

DeAngelo (1981) define qualidade de auditoria como a probabilidade de o auditor encontrar erros nas informações financeiras geradas pelas empresas e a capacidade de reportar esses erros no seu relatório.

Desta forma, a evidência empírica mostra que a qualidade de auditoria varia na razão inversa da manipulação de resultados (Becker, Defond, Jiambalvo e Subramanyam, 1998). Esta relação surge do fundamento de que auditores que apresentem uma maior qualidade tendem a detectar mais erros e mais práticas contabilísticas inadequadas. Permitindo, ainda, concluir que quanto maior for a manipulação de resultados refletida nas demonstrações financeiras das empresas, menor será a qualidade de auditoria (Gul, Fung e Jaggi, 2009).

No seio da literatura foram utilizados diversos métodos para mensurar o nível de qualidade da auditoria, nomeadamente, através dos honorários e horas gastas no trabalho de auditoria, da tendência para o auditor emitir uma opinião de auditoria modificada, do coeficiente de resposta aos ganhos<sup>12</sup> ou, ainda, através do uso dos *accruals* discricionários. No entanto, dada a dificuldade na mensuração da qualidade de auditoria, os *accruals* discricionários serão utilizados como *proxy* da qualidade de auditoria (Kim et al., 2015; Yasar, 2013).

---

conheça a especificidade do negócio, poderá não ter vantagem em estarmos sujeitos a MREA (Kim et al., 2015)

No estudo constataram que as empresas auditadas por MREA têm menos *accruals* discricionários e maior qualidade de *accruals* do que empresas com rotação voluntária de empresa de auditor (RVEA) durante o primeiro ano de auditoria. Sugerindo que os auditores sujeitos a MREA têm um trabalho de auditoria inicial mais objetivo, independente e conservador para minimizar o risco de litígios causado por falhas de auditoria. (Kim et al., 2015)

<sup>12</sup> Relação entre os retornos das ações de uma empresa e quaisquer anúncios de ganhos inesperados.

# Capítulo 5

## Hipóteses e Metodologia de Investigação

No presente capítulo vão ser apresentadas as hipóteses de investigação, tendo por base a revisão de literatura anteriormente produzida. Como complemento, serão também apresentados os respetivos modelos de regressão para responder às questões de investigação.

### 5.1 Hipóteses de Investigação

Muitos estudos relativos à qualidade de auditoria concentram o seu estudo no impacto de uma empresa ser auditada por uma auditora *Big 4*<sup>13</sup> ou não.

DeAngelo (1981) demonstrou analiticamente que o tamanho da empresa de auditoria tem uma relação positiva com a qualidade de auditoria. Alguns autores argumentam que a resposta dos investidores aos ganhos de uma empresa vai depender da credibilidade do relatório financeiro. Por exemplo, Siew Hong e Wong (1993) encontraram evidência de que o coeficiente de resposta aos ganhos de clientes auditados por *Big 4* é significativamente maior do que em empresas auditadas por não *Big 4*.

Becker et al. (1998) corroboraram a hipótese dos clientes de auditoras não *Big 4* terem *accruals* discricionários superiores aos de auditoras *Big 4*. Constataram ainda que a média e a mediana do valor absoluto dos *accruals* discricionários são maiores para empresas auditadas por não *Big 4*, comprovando que a menor

---

<sup>13</sup>Big 4 - são as quatro maiores empresas em todo o mundo, em termos de volume de negócios, no ramo da auditoria. Sendo assim, usando como referência o ano de 2015, a Deloitte, PricewaterhouseCoopers (PwC), Ernst & Young e KPMG foram as que apresentaram um maior volume de negócios neste ramo de atividade.

qualidade da auditoria está associada à maior “flexibilidade da contabilidade”. Todavia, o nível total de *accruals* é superior nas empresas auditadas por *Big 4*, porém possuem baixos níveis de *accruals* discricionários (menor volume de *accruals* que indiciam manipulação de resultados). Pelo que, é consistente com o argumento das *Big 4* restringirem os relatórios financeiros agressivos e potencialmente oportunistas em reportar *accruals* (J. R. Francis, Maydew e Sparks, 1999).

Numa perspectiva diferente, Yasan (2013) mostrou no seu estudo que não existe, estatisticamente, diferença significativa nos *accruals* discricionários de empresas auditadas por *Big 4* e não *Big 4*, não existindo, por isso, diferença na qualidade de auditoria.

Quando usamos o tipo de auditor como proxy da qualidade de auditoria, precisamos de considerar a envolvente económica e os fatores que motivam o auditor a apresentar um diferente nível de qualidade de auditoria

De acordo com J. R. Francis e Dechow (2008), os resultados apresentados são de melhor qualidade em países onde o sistema legal e a proteção aos investidores é mais rigoroso. A qualidade dos resultados tende a ser tão grande quanto mais forte for a proteção aos investidores, mas apenas para empresas com conhecimento internacional como as *Big 4*. A proteção aos investidores proporciona um incentivo indireto aos auditores *Big 4* na divulgação de demonstrações financeiras com melhor qualidade, pelo que, para empresas não *Big 4* o regime de proteção adotado não interfere com a qualidade dos resultados. Estes autores encontraram, ainda, evidências que, quando a proteção ao investidor é aproximadamente zero, ou seja, muito fraca, não verificamos diferenças de qualidade nos resultados apresentados por clientes auditados por *Big 4* e não *Big 4*, dado os auditores *Big 4* não terem incentivo a forçar uma melhoria da qualidade dos resultados nem terem risco de demissão pelos clientes.

Yasan (2013) verificou no seu estudo que o tamanho da empresa de auditoria tem impacto nos *accruals* discricionários das empresas da Turquia, dado os incentivos para que o auditor preste uma elevada qualidade de auditoria serem limitados. Por outro lado, Seok Woo e Rho (2004) não encontraram diferença na qualidade de auditoria entre *Big 4* e não *Big 4* no estudo realizado na Coreia.

Desta forma, surge a primeira hipótese de estudo desta investigação:

*H1: As auditoras Big 4 apresentam maior qualidade de auditoria do que as não Big 4*

A mudança de auditor pode ser considerada “como uma nova vassoura, vai fazer uma limpeza e pode detetar coisas não capturados pelo seu antecessor” (Seidman, 1939). DeFond e Subramanyam (1998) no seu estudo descobriram evidência de *accruals* discricionários no último ano do auditor e, geralmente, insignificantes no primeiro ano do auditor sucessor.

Por outro lado, uma empresa, após receber uma opinião modificada, normalmente, troca de auditor, por vezes, consequência dos fracos resultados alcançados. (Lennox, 2000).

Como corolário do elevado endividamento, as empresas com maior risco de litígios têm incentivo a manipular os resultados, capturando uma maior concentração de *accruals* discricionários.

Nestes casos, os auditores preferem ser mais cautelosos, chegando por vezes a emitir opiniões modificadas. Contudo, os gestores podem ser pouco recetivos a esta abordagem, pelo que, trocam na expectativa de encontrar um sucessor mais razoável (DeFond e Subramanyam, 1998; Lennox, 2000).

Surge assim, a segunda hipótese de investigação:

*H2: No ano da troca de auditor os gestores manipulam menos os resultados*

O impacto da continuidade do auditor com o mesmo cliente é inconclusivo na literatura. Enquanto alguns investigadores acreditam que a continuidade do auditor diminui a qualidade da auditoria (Johnson et al., 2002), outros acreditam que a longa permanência do auditor melhora a qualidade, através da aprendizagem e conhecimento do cliente, referido na seção anterior (Odia, 2015).

A relação cliente-auditor e as questões de independência são importantes. O auditor, no longo prazo, tende a ter uma relação mais próxima e fundada num maior conhecimento que lhe permite prestar mais atenção ao que é realmente importante. Para clientes economicamente importantes, a tendência é para uma auditoria mais conservadora devido ao risco de litígio. Li (2010) no seu estudo encontrou uma relação positiva entre o número de anos em que é auditor e o seu parecer conservador, apenas para grandes clientes, e uma relação negativa para empresas pequenas.

Posto isto, chega-se à terceira hipótese de investigação:

*H3: A continuidade do auditor aumenta a qualidade dos resultados*

## 5.2 Metodologias de Investigação

Na presente secção, são apresentados 2 modelos complementares para analisarmos a qualidade da informação das Demonstrações Financeiras apresentadas pelos gestores e a sua relação com o trabalho de auditoria. Em primeiro lugar, será estimado o modelo que nos dará informação dos indícios de manipulação dos resultados por parte dos gestores. Em segundo lugar, será desenvolvido o modelo que servirá de base para estimar a qualidade de

auditoria. Teremos como objetivo perceber se a qualidade do trabalho desenvolvido pelo auditor oscila quando confrontada com diferentes circunstâncias, testando para tal as várias hipóteses apresentadas na secção anterior.

### 5.2.1 Medição dos *accruals* discricionários

Para a formulação do nosso primeiro modelo iremos utilizar o modelo desenvolvido por McNichols (2002), que integra o modelo de Dechow e Dichev (2002) e o modelo de Jones (1991). Este modelo já foi aplicado em vários estudos no ceio da manipulação de resultados com o objetivo de detetar os *accruals* discricionários através do erro de estimação. Como referido nas secções anteriores, os *accruals* discricionários são considerados uma *proxy* da manipulação de resultados.

McNichols (2002) propôs a combinação dos 2 modelos, argumentando que a variação das vendas e o montante de ativos fixos tangíveis são importantes na formação de expectativas sobre os *accruals* correntes, além dos efeitos dos fluxos de caixa operacionais. A introdução destas 2 variáveis na regressão segundo o autor aumenta significativamente o seu poder explicativo, reduzindo o erro de medição.

No recente estudo realizado por Dechow, Hutton, Kim e Sloan (2012) foram comparados os vários modelos abordados na revisão da literatura anteriormente apresentada, mostrando que o modelo de McNichols (2002) é aquele que apresenta um  $R^2$  ajustado superior, aproximadamente 31%.

Sendo assim, o modelo aplicado é o seguinte:

$$\begin{aligned} \Delta \text{Capital Circulante}_{i,t} &= b_0 + b_1 FCO_{i,t-1} + b_2 FCO_{i,t} + b_3 FCO_{i,t+1} + b_4 \Delta VND_{i,t} + b_5 AFT_{i,t} \\ &+ \varepsilon_{i,t} \end{aligned}$$

em que:

$\Delta Capital\ Circulante_{i,t}$  – *Accruals* totais correntes da empresa  $i$ , no período  $t$ .  
A definição de *accruals* totais correntes para Dechow et al. (2012) apresentam a seguinte decomposição (o símbolo  $\Delta$  representa a variação da rubrica no período  $t$  face ao período  $t-1$ ):

$$\begin{aligned}\Delta Capital\ Circulante &= \Delta \text{Ativo Corrente} - \Delta \text{Passivo Corrente} \\ &- \Delta \text{Caixa e depósitos bancários} \\ &+ \Delta \text{Financiamentos correntes obtidos}\end{aligned}$$

Algumas investigações subtraem os gastos de depreciação e amortização, contudo, estes autores consideram que estes gastos estão relacionados com *accruals* de capital de longo prazo e não com os *accruals* do capital circulante.

$FCO_{i,t-1}$  – Fluxos de caixa operacionais da empresa  $i$  no período  $t-1$ .

$FCO_{i,t}$  – Fluxos de caixa operacionais da empresa  $i$  no período  $t$ .

$FCO_{i,t+1}$  – Fluxos de caixa operacionais da empresa  $i$  no período  $t+1$ .

Para mensuração desta variável é utilizada a perspectiva de J. Francis, LaFond, Olsson e Schipper (2005) que definem os Fluxos de Caixa Operacionais como:

$$FCO = \text{Resultado Líquido antes de itens extraordinários} - \text{Total de } accruals$$

Sendo que, o total de *accruals* é a variação do capital circulante, acima definida, subtraindo os gastos de depreciação e amortização.

$\Delta VND_{i,t}$  – Variação das vendas no período  $t$  face ao período  $t-1$ , da empresa  $i$ ,  
 $AFT_{i,t}$  – Total de ativo fixo tangível da empresa  $i$ , no período  $t$   
 $\varepsilon_{i,t}$  – Erro de estimação para a empresa  $i$ , no período  $t$ , que obedece às hipóteses clássicas dos modelos estimados OLS.

$i = 1, \dots, N$  Índice de empresas;

$t = 1, \dots, T_i$  Índice anual para os anos incluídos no período de estimação, para a empresa  $i$ .

Para resolver a potencial existência de heterocedasticidade, todas as variáveis do modelo serão deflacionadas pelo total do ativo do ano anterior, como sugerido por Jones (1991). Sendo o primeiro modelo a ser estimado o seguinte (denominado de “Modelo A”):

$$\Delta tca_{i,t} = b_0 + b_1 lagged + b_2 current + b_3 future_{i,t+1} + b_4 varvsp_{i,t} + b_5 aft_{i,t} + \varepsilon_{i,t}$$

O modelo de regressão linear múltiplo será estimado pelo método dos mínimos quadrados ordinário, na terminologia anglo-saxónica *Ordinary Least Squares* (OLS).

## 5.2.2 Medição da qualidade de auditoria

O objetivo final deste estudo é perceber a influência do trabalho do auditor na prática de manipulação de resultados exercida pelos gestores. Assim é importante compreender a capacidade do auditor em detetar irregularidades e corrigir erros nas demonstrações financeiras apresentadas pelos gestores, com o intuito de informar os investidores e potenciais interessados nestas empresas de forma “verdadeira”. Para tal será definido um novo modelo, denominado de “B”, para mensurar a qualidade da auditoria, que será baseado no modelo A.

Como referido anteriormente, pela dificuldade na mensuração da qualidade de auditoria, os *accruals* discricionários serão utilizados como *proxy* da qualidade de auditoria (Kim et al., 2015; Yasan, 2013).

Os resíduos de estimação do modelo McNichols (2002) medem a manipulação de resultados, sendo que o pressuposto do nosso estudo é que existe uma relação inversa entre estes e a qualidade de auditoria. Para tal, consideramos o modulo dos resíduos,  $|\varepsilon_{i,t}|$ , de forma a permitir medir a magnitude dessa manipulação.

O módulo dos resíduos (*aq\_abs*) é a variável dependente do modelo seguinte onde se pretende testar como é que a qualidade de auditoria é influenciada por variáveis, como a dimensão do auditor, *dbi4*, a troca de auditor (*dswitch*) ou a continuidade do mesmo (*tenure*). Serão tidas em conta as especificidades das empresas da amostra, tal como a dimensão (*size*), a tangibilidade (*tang*), o endividamento (*lev*) e a rentabilidade (*roa*) das empresas auditadas.

Desta forma, o modelo elaborado é o seguinte:

$$aq\_abs_{i,t} = b_0 + b_1dbi4_{i,t} + b_2dswitch\_aud_{i,t} + b_3tenure_{i,t} + b_4size_{i,t} \\ + b_5tang_{i,t} + b_6lev_{i,t} + b_7roa_{i,t} + \varepsilon_{i,t}$$

em que:

$aq\_abs_{i,t}$  representa a variável dependente que corresponde ao valor absoluto dos *accruals* discricionários estimados no modelo anterior,  $|\varepsilon_{i,t}|$ , como proxy da qualidade de auditoria. A qualidade de auditoria varia na razão inversa da manipulação de resultados, pelo que um aumento do valor desta variável simboliza uma perda da qualidade de auditoria e conseqüente aumento dos *accruals* discricionários (indícios de uma maior manipulação de resultados por parte dos gestores).

$dbig4_{i,t}$  representa a variável *dummy* (variável binária) que assume o valor 1 caso a empresa de auditoria seja *Big 4* e valor 0 para as restantes empresas de auditoria da empresa  $i$ , no período  $t$ ;

$dswitch\_aud_{i,t}$  representa a variável *dummy* que assume o valor 1 no ano de troca de auditor e o valor 0 para os restantes anos, para a empresa  $i$ , no período  $t$ ;

$ternure_{i,t}$  representa o logaritmo do número de anos consecutivos que a empresa  $i$  mantém o mesmo auditor, como mencionado por Myers, Myers e Omer (2003);

$size_{i,t}$  representa o logaritmo do total de ativo da empresa  $i$ , no período  $t$ ;

$tang_{i,t}$  representa o rácio da empresa  $i$ , no período  $t$ , que mostra a magnitude da possibilidade de manipulação. Por um lado, quanto maior for este rácio em termos relativos, maior será o nível de ativos fixos tangíveis e, conseqüentemente, menor será o capital circulante subjacente. Isto acontece pelo facto do gestor ter menos margem para poder manipular as demonstrações financeiras. Ao existir um maior volume de ativos fixos tangíveis, poderá também existir tendência à manipulação de resultados via depreciações, contudo como referido anteriormente o impacto das depreciações não será considerado no modelo A.

$$tan = \frac{\text{Total de Ativo Fixo Tangível}}{\text{Total do ativo}}$$

$lev_{i,t}$  representa o rácio que indica o nível de endividamento da empresa  $i$ , no período  $t$ . Ou seja, permite perceber se a empresa é composta, essencialmente, por capitais próprios ou capitais alheios. Assim, quanto maior for este rácio, maior é o risco financeiro associado. Os gestores das empresas com elevado endividamento têm fortes incentivos para utilizar a manipulação de resultados para relaxar as dificuldades financeiras. No entanto, as empresas mais endividadas têm menos possibilidade de manipular dado serem fortemente vigiada pelos bancos e respetivos auditores.

$$lev = \frac{\text{Total de Passivo}}{\text{Total de ativo}}$$

$roa_{i,t}$  representa o rácio que mostra o retorno do investimento total da empresa  $i$ , no período  $t$ . Quanto maior o índice, melhor a situação financeira em termos de lucratividade.

$$roa = \frac{\text{Resultado Líquido do Período}}{\text{Total do ativo}}$$

Como abordagem complementar às hipóteses de investigação, serão realizados testes mais pormenorizados através da relação entre as variáveis explicativas e as variáveis controlo.

Por um lado, as variáveis explicativas ( $dbig4$ ,  $dswitch$  e  $tenure$ ) fornecem informações relativas ao auditor, por outro lado, as variáveis controlo ( $size$ ,  $tang$ ,  $lev$  e  $roa$ ) apresentam as características financeiras das empresas auditadas incluídas na amostra deste estudo. Pelo que, como resultado final pretende-se perceber o efeito destas duas dimensões na qualidade de auditoria/manipulação de resultados.

Com o objetivo de perceber se existe interação entre cada variável explicativa e as variáveis de controlo, serão estimados 12 modelos de regressão. Em cada um deles figuram as variáveis individualmente (efeito aditivo) e, também, o produto entre a variável explicativa e a variável controlo considerada (efeito multiplicativo), de forma a perceber se existe ou não interação entre elas.

Surge assim o modelo genérico para testar esta interação:

$$aq\_abs_{i,t} = b_0 + b_1X_{j,i,t} + b_2X_{j,i,t} * Y_{k,i,t} + b_3size_{i,t} + b_4tang_{i,t} + b_5lev_{i,t} + b_6roa_{i,t} + \varepsilon_{i,t}$$

onde:

$X_{j,i,t}$  –  $j=1, \dots, 3$  assumindo  $j=1$  para *dbig4*,  $j=2$  para *dswitch* e  $j=3$  para *tenure*;

$Y_{k,i,t}$  –  $k=1, \dots, 4$  assumindo  $k=1$  para *size*,  $k=2$  para *tang*,  $k=3$  para *lev* e  $k=4$  para *roa*;

$i = 1, \dots, N$  Índice de empresas;

$t = 1, \dots, T_i$  Índice anual para os anos incluídos no período de estimação, para a empresa  $i$

De notar que, para responder a cada hipótese formulada, na secção anterior, será apenas utilizada uma variável explicativa concreta ( $H1 - dbig4$ ,  $H2 - dswitch$  e  $H3 - tenure$ ) e em cada hipótese serão estimados mais 4 modelos para testar esta interação (um modelo por cada variável controlo).

# Capítulo 6

## Seleção da Amostra e Estatísticas Descritivas

### 6.1 Seleção da amostra e Recolha de Dados

O setor empresarial português é constituído maioritariamente por pequenas e médias empresas, empresas não cotadas, em que a exposição pública é mais reduzida comparativamente às empresas cotadas. Sendo assim, a nossa amostra foca-se nas empresas não cotadas cujas demonstrações financeiras são elaboradas segundo o Sistema de Normalização Contabilística (SNC) ou Plano Oficial de Contas (POC) e auditadas no âmbito da certificação legal de contas.

Os dados utilizados inicialmente são referentes ao período entre 2008 e 2015, disponíveis na base de dados SABI<sup>14</sup>. Durante o período acima referido ocorreram alterações relativamente aos normativos contabilísticos, pelo que no período em análise são considerados 2 normativos distintos: POC e SNC. A adoção do novo normativo, SNC, ocorreu a 1 de janeiro de 2010, pelo que a primeira data de relato de acordo com o SNC ocorreu a 31 de Dezembro de 2010. Contudo, dado não se verificarem alterações significativas nas variáveis consideradas no modelo estimado, não foi elaborado qualquer ajustamento.

Na presente investigação foram utilizados dados em painel.

A amostra recolhida ainda foi alvo de um processo de seleção e ajustamentos, como apresentado na tabela 1.

---

<sup>14</sup> SABI – Sistema de Análise de Balanços Ibéricos. Base de dados de informação económico-financeira de empresas portuguesas e espanholas.

**Tabela 1 - Processo de Seleção da amostra**

<b>Descrição</b>	<b>Nº de Observações</b>
Empresas-ano não cotadas disponíveis no SABI entre 2008 e 2015	3.988.582
Empresas-ano com nome de auditor de contas <sup>15</sup>	139.188
Empresas-ano com NIF entre 500 000 000 e 599 999 999	138.953
Empresas-ano após eliminação das observações com dados em falta.	42.475
Empresas-ano após eliminação das observações com vendas e prestação de serviços e ativo fixo tangível negativo.	35.850
Empresas-ano após eliminação de <i>outliers</i>	32.776

Após ser efetuada a limpeza dos dados apenas foram considerados 32.776 empresas-ano na presente investigação.

Com base no propósito deste estudo, apenas foram consideradas as empresas com as demonstrações financeiras auditadas no âmbito da revisão legal de contas, pelo que diminuiu consideravelmente o número de observações. Esta diminuição deve-se ao facto de nem todas as empresas não cotadas obterem a certificação legal de contas e, por outro lado, a base de dados SABI não disponibilizar esta informação para todas as empresas ou, quando disponibilizada, poder conter irregularidades.

Apenas foram consideradas as empresas anónimas, sociedades por quota ou sociedades unipessoais por quotas.

Posteriormente, foram eliminadas as observações, empresa-ano, com dados em falta para as variáveis a estudar. Nas variáveis total de ativo corrente, total de passivo corrente, caixa e depósitos bancários, financiamentos obtidos correntes, vendas e serviços prestados e ativo fixo tangível, as observações em que a base de dados fornecia a indicação de “não aplicável” foram consideradas como zero, uma vez que a base de dados trata um valor nulo como não aplicável. Por outro lado, foram eliminadas as observações empresas-ano com

---

<sup>15</sup> Durante a análise da amostra foram detetados erros na base de dados disponibilizada pelo SABI quanto ao nome do auditor. Sendo assim, para não enviesar as conclusões do modelo estimado, apenas foram considerados como aceites para este estudo os auditores cuja a nomenclatura contenha “S.R.O.C”, “SROC” ou “Revisores”.

dados em falta para as variáveis do total de ativo e resultado líquido do período.

Na interpretação económica das variáveis vendas e serviços prestados e ativo fixo tangível procedemos à eliminação das observações com valores negativos.

Por fim, como apresentado por Moreira (2006), foram eliminados os *outliers*, os limites 1% superior e inferior, das distribuições de todas as variáveis consideradas no primeiro modelo estimado, como forma de minimizar a variância dos dados utilizados.

**Tabela 2 - Distribuição das observações por período**

Ano	Nº Observações	%
2010	5.798	18%
2011	6.167	19%
2012	7.036	21%
2013	6.950	21%
2014	6.825	21%
Total	32.776	100%

Após efetuarmos o processo de seleção e ajustamentos à amostra, os dados disponíveis para estimar o nosso modelo ficaram reduzidos a 5 anos. Uma das razões para não existirem observações antes de 2010, como referido anteriormente, é a mudança de normalização contabilística. Assim, todas as empresas incluídas na amostra final, e que serão alvo de estudo, têm as suas demonstrações financeiras ao abrigo dos princípios contabilísticos e de relato financeiro do SNC.

É de referir ainda que, embora o número de observações não seja o mesmo em todos os anos, considera-se que é bastante homogénea. Esta flutuação do número de observações por ano não condicionará a análise dado serem utilizados dados em painel para este estudo.

## 6.2 Estatísticas Descritivas

De modo a efetuar uma melhor análise dos resultados das hipóteses previamente formuladas, será pertinente analisar e comentar algumas estatísticas descritivas. Esta secção preliminar tem como intuito caracterizar a amostra estatisticamente, como forma de tirar conclusões mais objetivas e apropriadas.

**Tabela 3 - Estatísticas descritivas**

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão	Min	Max
<i>aq_abs</i>	0,061	0,042	0,068	0,000	0,870
<i>dbig4</i>	0,210	0,000	0,407	0,000	1,000
<i>dswitch_aud</i>	0,046	0,000	0,211	0,000	1,000
<i>tenure_year</i> <sup>16</sup>	2,276	2,000	1,283	1,00	5,000
<i>size</i>	8,646	8,639	1,673	0,989	16,797
<i>tang</i>	0,261	0,170	0,268	0,000	1,000
<i>lev</i>	0,647	0,643	0,713	0,000	91,401
<i>roa</i>	0,002	0,010	0,202	-20,189	1,931

Descrição das variáveis: *aq\_abs* corresponde ao valor absoluto dos *accruals* discricionários estimados no modelo A,  $|\varepsilon_{i,t}|$ , como proxy da qualidade de auditoria; *dbig4* corresponde à variável *dummy* (variável binária) que assume o valor 1 caso a empresa de auditoria seja Big 4 e valor 0 para as restantes empresas de auditoria; *dswitch\_aud* corresponde à variável *dummy* que assume o valor 1, para a empresa *i*, no ano de troca de auditor e o valor 0 para os restantes anos; *tenure\_year* corresponde ao número de anos consecutivos que a empresa *i* mantém o mesmo auditor; *size* corresponde ao logaritmo do total de ativo da empresa *i*, no período *t*; *tang* corresponde ao rácio entre o total de ativo fixo tangível e o total de ativo da empresa *i*, no período *t*; *lev* corresponde ao rácio entre o total de passivo e o total de ativo da empresa *i*, no período *t*; *roa* corresponde ao rácio entre o resultado líquido do período e o total de ativo da empresa *i*, no período *t*.

Da análise dos dados é possível concluir que apenas cerca de 21% das empresas-ano são auditadas por *Big 4*. Sendo que a nossa amostra, num

<sup>16</sup> Foi considerado a variável *tenure\_year*, em vez de *tenure*, pelo facto de para efeitos de análise estatística esta variável permitir uma melhor perceção, pelo que fornece o número de anos consecutivos que o auditor efetua o trabalho de auditoria no mesmo cliente. A variável explicativa *tenure*, como referido anteriormente, é o logaritmo da variável *tenure\_year*.

perímetro de 5 anos, é maioritariamente composta por trabalho realizado por auditoras não *Big 4*.

Pode-se ainda acrescentar que no total das empresas analisadas, e no período considerado, apenas em 4,67% dos casos verificamos alteração de auditor do período  $t-1$  para  $t$ .

Em relação à variável relativa ao número de anos consecutivos em que um auditor realiza trabalho para uma determinada empresa, pode-se verificar que esta atinge o máximo de anos que a amostra permite, 5 anos. Contudo, o auditor, em média, apenas audita a mesma empresa durante 2/3 anos.

Relativamente às variáveis controlo, estas fornecem uma visão mais abrangente da situação financeira e do tipo de empresas englobadas na amostra.

Ao nível da dimensão, representada pelo ativo, a amostra é simétrica, apresentando uma distribuição normal, dado a mediana ser aproximadamente igual à média.

Quanto à tangibilidade, as empresas alvo de análise, em média, utilizam de forma eficiente o seu capital circulante. Em média, as empresas-ano apresentam um ativo fixo tangível de cerca de 26% do total de ativo. Não obstante, metade das empresas-ano têm o seu rácio abaixo, ou acima, de 17%, o que significa que a distribuição da variável *tang* é assimétrica positiva, concluindo-se que algumas empresas utilizam de forma ineficiente o seu capital circulante.

Ao nível do endividamento, são empresas que apresentam um elevado nível de financiamento, chegando a atingir um rácio de endividamento de 94%, máximo registado na amostra. Contudo, em média, apresentam um rácio de endividamento financeiro de 64%, ou seja, 64% dos seus capitais são financiados por capitais alheios, recorrendo ao mercado para se financiar. Pode-se considerar que a amostra apresenta uma distribuição normal, dado a média ser muito próxima da mediana. Desta forma, pode-se concluir, de acordo com a

literatura, que existem algumas empresas na amostra que poderão ter fortes incentivos à manipulação de resultados, nomeadamente, para cumprir as exigências legais impostas nos contratos de financiamento (*covenants*).

Para além do acima referido, constata-se que as empresas consideradas têm uma taxa de retorno sobre o total de ativo consideravelmente baixa, em média 0,02% do total de ativo. Tendo em atenção aos dados estatísticos, constata-se que mais de metade das empresas em cada ano apresentam Resultado Líquido do Período (RLP) positivo. No entanto, sendo a mediana (1%) superior à média (0,02%), significa que esta variável segue uma distribuição assimétrica negativa, onde existem RLP negativos (prejuízos) a baixar consideravelmente a média dos resultados apresentados. Reforçando o raciocínio do incentivo à manipulação acima referido, os gestores poderão também ter fortes motivações para obterem o menor resultado possível como forma de minimização do imposto sobre o rendimento.

### 6.3 Correlação das variáveis

Na análise da correlação entre as variáveis do modelo estimado serão utilizadas duas medidas de associação linear entre as variáveis. Por um lado, recorre-se ao coeficiente de correlação de Pearson, medida de associação linear paramétrica, que obriga, entre outras condições, a que as variáveis sigam uma distribuição normal. Por outro lado, o coeficiente de correlação de Spearman, medida não paramétrica de associação entre variáveis, não é tão exigente em termos de condições (ex. não é obrigatório que as variáveis sigam a distribuição normal).

Num modelo de regressão linear as variáveis explicativas do modelo não deverão estar muito correlacionadas, uma vez que correlações elevadas entre as

variáveis diminuem a precisão das estimativas dos coeficientes, ou seja, aumentam o seu desvio padrão – problema da multicolinearidade. Esta correlação poderá inclusive chegar a apresentar por vezes o sinal contrário ao esperado.

Para além disto, a multicolinearidade dificulta a interpretação dos coeficientes das variáveis, dado não ser possível a separação dos efeitos individuais de cada uma delas (o pressuposto “*ceteris paribus*” não é verificado).

Os resultados dos 2 modelos apresentados variam entre -1 e 1 e, quanto mais próximo destes valores, mais forte é a relação entre as variáveis. Por sua vez, o sinal indica o sentido de associação entre elas.

**Tabela 4 - Matriz de correlação de Pearson e Spearman**

Variáveis	<i>aq_abs</i>	<i>dbig4</i>	<i>dswitch</i>	<i>tenure</i>	<i>size</i>	<i>tang</i>	<i>lev</i>	<i>roa</i>
<i>aq_abs</i>		0,072	0,002	-0,117	-0,149	-0,087	0,160	-0,270
<i>dbig4</i>	0,066		0,023	0,021	0,351	-0,071	0,017	0,018
<i>dswitch_aud</i>	0,002	0,023		-0,255	0,010	0,026	0,005	-0,015
<i>tenure</i>	-0,126	0,022	-0,251		0,099	-0,015	-0,045	0,030
<i>size</i>	-0,097	0,348	0,009	0,104		-0,043	-0,034	0,110
<i>tang</i>	-0,085	-0,091	0,028	0,006	-0,023		0,010	-0,037
<i>lev</i>	0,070	0,035	0,011	-0,085	0,036	0,005		-0,301
<i>roa</i>	-0,026	0,088	-0,017	0,037	0,120	-0,088	-0,338	

1. As correlações de Pearson e Spearman encontram-se, respetivamente, acima e abaixo da diagonal em branco. 2. Descrição das variáveis: *aq\_abs* corresponde ao valor absoluto dos *accruals* discricionários estimados no modelo A,  $|\varepsilon_{i,t}|$ , como proxy da qualidade de auditoria; *dbig4* corresponde à variável *dummy* (variável binária) que assume o valor 1 caso a empresa de auditoria seja Big 4 e valor 0 para as restantes empresas de auditoria; *dswitch\_aud* corresponde à variável *dummy* que assume o valor 1, para a empresa *i*, no ano de troca de auditor e o valor 0 para os restantes anos; *tenure* corresponde ao logaritmo do número de anos consecutivos que a empresa *i* mantém o mesmo auditor; *size* corresponde ao logaritmo do total de ativo da empresa *i*, no período *t*; *tang* corresponde ao rácio entre o total de ativo fixo tangível e o total de ativo da empresa *i*, no período *t*; *lev* corresponde ao rácio entre o total de passivo e o total de ativo da empresa *i*, no período *t*; *roa* corresponde ao rácio entre o resultado líquido do período e o total de ativo da empresa *i*, no período *t*.

Neste estudo, as correlações entre as variáveis explicativas estão todas abaixo dos valores mencionados pelos autores, não existindo, por isso, indícios de multicolinearidade.

Olhando para a correlação entre a variável dependente e as independentes verificamos que variáveis como *dbig4*, *dswitch* e *lev* apresentam correlação positiva, ou seja, quando o auditor é Big 4 ou no ano de troca de auditor espera-se que, em média, uma diminuição da qualidade de auditoria (aumento da manipulação dos resultados por parte do gestor, através do aumento dos *accruals* discricionários). Quando o nível de endividamento, *lev*, aumenta, os indícios de manipulação de resultados também deverão aumentar, em média.

Por outro lado, as variáveis como *tenure*, *size*, *tang* e *roa*, apresentam correlações negativas o que significa que o seu aumento provoca, em média, uma melhoria da qualidade de auditoria e, conseqüente diminuição dos *accruals* discricionários. Ou seja, por exemplo, quanto maior é o número de anos consecutivos em que o auditor efetua o seu trabalho na mesma empresa (cliente), menor será a distorção da informação das demonstrações financeiras.

# Capítulo 7

## Resultados Empíricos

No presente capítulo apresentam-se os resultados da análise estatística das hipóteses com recurso à estimação dos modelos apresentados no capítulo 4. Numa fase inicial serão apresentados os resultados globais do modelo e, numa segunda, a análise das hipóteses  $H1$ ,  $H2$  e  $H3$ . Por fim, será testada a sensibilidade do modelo através de um teste de robustez.

### 7.1 Análise da medição dos *accruals* discricionários

Este modelo, como referido anteriormente, permite estimar o nível de manipulação suscetível de ser praticada pelos gestores.

**Tabela 5 - Resultados de estimação do Modelo A**

$$\Delta tca_{i,t} = b_0 + b_1 \text{lagged} + b_2 \text{current} + b_3 \text{future}_{i,t+1} + b_4 \text{varvsp}_{i,t} + b_5 \text{aft}_{i,t} + \varepsilon_{i,t}$$

Variáveis	Modelo OLS (A)
<i>lagged</i>	0,084*** (0,002)
<i>current</i>	-0,892*** (0,002)
<i>future</i>	0,205*** (0,005)
<i>Varvsp</i>	0,078*** (0,002)
<i>Aft</i>	0,001 (0,001)
R-squared	86,61
Overall F-Test	23800,23***

\* O modelo inclui um termo constante e é baseado em 32.776 observações. O desvio padrão robusto perante heterocedasticidade está entre parênteses. \*\*\* p-values <0.01, \*\* p-values <0.05, e \* p-values <0.10.

Será feita uma análise superficial à qualidade do primeiro modelo estimado, dado ser utilizado como a base para gerar a variável dependente do segundo modelo.

O modelo é globalmente significativo ( $pvalue=0,000$ ), pelo que, apresenta uma elevada qualidade de ajustamento demonstrada pelo elevado coeficiente de determinação  $R^2$ . Este modelo apresenta um  $R^2$  igual a 0,866, ou seja, 86,61% da variação da variável *tca* é explicada pelo modelo.

Como referido na revisão bibliográfica, e sugerido por Dechow et al. (2012), este modelo apresenta uma elevada qualidade que permitirá melhorar a qualidade da estimação do segundo modelo.

## 7.2 Análise da medição da qualidade de auditoria

Os modelos seguintes mostram a influência do auditor na qualidade de informação retratada pela qualidade de auditoria (*aq\_abs*), cuja mensuração é feita através da manipulação de resultados praticada pelos gestores.

Na secção seguinte será estudado cada hipótese alvo deste estudo, onde permitirá também perceber se dependendo das características de cada empresa auditada o comportamento da variável em análise é o mesmo.

### 7.2.1 Resultados do teste da hipótese *H1*

O objetivo deste teste é perceber se a dimensão da auditoria, *Big 4* ou não *Big 4*, tem influência na qualidade de auditoria. Como parte integrante desta, será possível perceber se uma empresa auditada por *Big 4* é suscetível de manipular mais ou menos do que quando o auditor é não *Big 4*.

A tabela 7 apresenta as estatísticas das variáveis incluídas nos vários modelos gerados para a análise da hipótese *H1*.

**Tabela 6 - Resultados de estimação para análise da hipótese H1\***

Variáveis	Modelo OLS				
	(B)	(B-1.1)	(B-1.2)	(B-1.3)	(B-1.4)
<i>dbig4</i>	0,021*** (<0,000)	0,051*** (0,005)	0,018*** -0,001	0,022*** -0,001	0,021*** (<0,000)
<i>dswitch_aud</i>	-0,008*** (0,001)				
<i>tenure</i>	-0,012*** (<0,000)				
<i>size</i>	-0,006*** (<0,000)	-0,006*** (<0,000)	-0,006*** (<0,000)	-0,006*** (<0,000)	-0,006*** (<0,000)
<i>tang</i>	-0,024*** (0,001)	-0,024*** (0,001)	-0,026*** (0,001)	-0,024*** (0,001)	-0,024*** (0,001)
<i>lev</i>	0,008*** (<0,000)	0,008*** (<0,001)	0,007*** (<0,000)	0,008*** (<0,000)	0,008*** (<0,000)
<i>roa</i>	-0,078*** (<0,001)	-0,078*** (0,001)	-0,078*** (0,001)	-0,078*** (0,001)	-0,088*** (0,002)
<i>dbig4_size</i>		-0,003*** (<0,000)			
<i>dbig4_tang</i>			0,011*** (0,003)		
<i>dbig4_lev</i>				-0,001*** (0,001)	
<i>dbig4_roa</i>					0,032*** (0,003)
Adj. R-squared	12,79	11,92	11,86	11,83	12,03
Overall F-Test	687,42***	740,45***	736,08***	734,16***	747,66***

\* O modelo inclui um termo constante e é baseado em 32.776 observações. O desvio padrão robusto perante heterocedasticidade está entre parênteses. \*\*\* p-values <0.01, \*\* p-values <0.05, e \* p-values <0.10.

Numa primeira análise geral ao modelo B, verificamos que ele é globalmente significativo ( $pvalue=0,000$ ), apresentando um coeficiente de determinação,  $R^2$ , de 0,128, ou seja, 12,8% da variação da variável dependente,  $aq\_aud$ , é explicada pelo modelo.

O coeficiente positivo da variável *dbig4*, com sinal contrário ao esperado, vem deste modo contradizer a hipótese *H1*, ou seja, a qualidade de auditoria é significativamente menor nas empresas auditadas por auditoras *Big 4* (*pvalue*=0,000).

Pode-se verificar que, à medida que a dimensão da empresa auditada aumenta a manipulação de resultados tende, em média, a diminuir ( $\hat{b}= 0,006$ ), pelo que esta redução é ainda mais acentuada quando a empresa auditora é *Big4*. No entanto, quando o auditor é *Big 4* a qualidade de auditoria tende a diminuir, contudo, no decorrer da informação acima, esta diminuição é menos acentuada à medida que a dimensão da empresa aumenta.

Através da variável *tang*, pode-se constatar que as empresas que apresentem um maior volume de ativos fixos tangíveis têm, em média, um nível de qualidade de auditoria superior, estando de acordo com o esperado. No entanto quando a empresa auditora é *Big 4*, a melhoria é menos acentuada.

Fazendo uma análise semelhante, no que toca à variável, que mede o nível de endividamento, *lev*, verifica-se que o aumento do nível de endividamento das empresas tende a provocar, em média, uma diminuição da qualidade de auditoria. No entanto, essa diminuição é atenuada, ou menos acentuada, quando a empresa auditora é *Big 4*.

Analisando a influência do resultado líquido do período, *RLP*, no investimento total da empresa, *roa*, ou seja, o retorno do investimento por período, constata-se o aumento deste rácio. Daqui pode-se concluir que o aumento do *RLP* (mantendo constante o total de ativo) aumenta significativamente a qualidade de auditoria (*pvalue*=0,000), pelo que no caso de o auditor ser *Big 4* este aumento é menor.

## 7.2.2 Resultados do teste da hipótese *H2*

Este teste tem como base entender se no ano de troca de auditor a qualidade de auditoria aumenta. À semelhança do estudo da hipótese *H1*, será também estudado até que ponto é que a conclusão é homogénea e se acontece para todo o tipo de empresas auditadas, tendo por base as variáveis controlo.

A tabela 8 apresenta as estatísticas das variáveis incluídas nos vários modelos gerados para a análise da hipótese *H2*.

**Tabela 7 - Resultados de estimação para análise da hipótese H2 \***

Variáveis	Modelo OLS				
	(B)	(B - 2.1)	(B - 2.2)	(B - 2.3)	(B - 2.4)
<i>dbig4</i>	0,021*** (<0,000)				
<i>dswitch_aud</i>	-0,008*** (0,001)	-0,018*** (0,008)	0,001*** (0,002)	-0,006*** (0,002)	<0,000 (0,001)
<i>tenure</i>	-0,012*** (<0,000)				
<i>size</i>	-0,006*** (<0,000)	-0,005*** (<0,000)	-0,005*** (<0,000)	-0,005*** (<0,000)	-0,005*** (<0,000)
<i>tang</i>	-0,024*** (0,001)	-0,025*** (0,001)	-0,025*** (0,001)	-0,025*** (0,001)	-0,025*** (0,001)
<i>lev</i>	0,008*** (<0,000)	0,008*** (<0,000)	0,008*** (<0,000)	0,008*** (<0,000)	0,008*** (<0,000)
<i>roa</i>	-0,078*** (<0,001)	-0,078*** (0,001)	-0,078*** (0,001)	-0,078*** (0,001)	-0,076*** (0,001)
<i>dswitch_size</i>		0,002*** (0,001)			
<i>dswitch_tang</i>			-0,001*** (0,006)		
<i>dswitch_lev</i>				0,011*** (0,003)	
<i>dswitch_roa</i>					-0,044*** (0,007)
Adj. R-squared	12,79	10,43	10,41	10,44	10,50
Overall F-Test	687,42***	636,82***	635,90***	637,67***	642,11***

\* O modelo inclui um termo constante e é baseado em 32.776 observações. O desvio padrão robusto perante heterocedasticidade está entre parênteses. \*\*\* p-values <0.01, \*\* p-values <0.05, e \* p-values <0.10.

O sinal negativo do coeficiente da variável *dswitch* vem confirmar a hipótese *H2*, que quando há mudança de auditor a qualidade de auditoria melhora significativamente (*pvalue*=0,000).

Mais uma vez, verifica-se que a qualidade de auditoria aumenta à medida que aumenta a dimensão da empresa, contudo num ano de troca de auditor essa melhoria é menos acentuada.

As empresas que apresentem um maior volume de ativos fixos tangíveis, em termos relativos, apresentam, em média, uma melhor qualidade de auditoria que se torna ainda mais evidente quando muda o auditor

O aumento do nível de endividamento tende a diminuir a qualidade de auditoria, pelo que é ainda mais acentuado quando troca de auditor.

Por outro lado, um aumento do retorno do investimento total do ativo tende a aumentar significativamente a qualidade de auditoria sendo esta mais acentuada nos anos em que muda de auditor.

### 7.2.3 Resultados do teste da hipótese *H3*

Conforme mencionado na revisão de literatura, o número de anos consecutivos que o auditor presta serviços de auditoria numa empresa, cliente, pode influenciar a qualidade de auditoria. Pelo que, entre vários fatores, pode estar a falta de independência na relação cliente-auditor ou aumento do conhecimento acumulado do negócio específico do cliente.

A tabela 9 apresenta as estatísticas das variáveis incluídas no modelo gerado para a análise da hipótese *H3*.

**Tabela 8 - Resultados de estimação para análise da hipótese H3\***

Variáveis	Modelo OLS				
	(B)	(B-3.1)	(B-3.2)	(B-3.3)	(B-3.4)
<i>dbig4</i>	-0,021*** (<0,000)				
<i>dswitch_aud</i>	-0,008*** (0,001)				
<i>tenure</i>	-0,012*** (<0,000)	-0,014*** (0,003)	-0,015*** (<0,000)	-0,019*** (<0,000)	-0,011*** (<0,000)
<i>size</i>	-0,006*** (<0,000)	-0,004*** (<0,000)	-0,004*** (<0,000)	-0,004*** (<0,000)	-0,004*** (<0,000)
<i>tang</i>	-0,024*** (0,001)	-0,026*** (0,001)	-0,035*** (0,001)	-0,026*** (0,001)	-0,026*** (0,001)
<i>lev</i>	0,008*** (<0,000)	0,007*** (<0,000)	0,007*** (<0,000)	0,004*** (<0,000)	0,007*** (<0,000)
<i>roa</i>	-0,078*** (<0,001)	-0,078*** (0,001)	-0,078*** (0,001)	-0,074*** (0,001)	-0,069*** (0,002)
<i>tenure_size</i>		<0,000 (<0,000)			
<i>tenure_tang</i>			0,015*** (0,002)		
<i>tenure_lev</i>				0,013*** (0,001)	
<i>tenure_roa</i>					-0,025*** (0,003)
R-squared	12,79	11,34	11,45	11,72	11,48
Overall F-Test	687,42***	699,41***	706,99***	726,16***	709,19***

\* O modelo inclui um termo constante e é baseado em 32.776 observações. O desvio padrão robusto perante heterocedasticidade está entre parênteses. \*\*\* p-values <0.01, \*\* p-values <0.05, e \* p-values <0.10.

Analisando a relação entre a qualidade de auditoria e a continuidade do auditor, medida pela variável *tenure*, verifica-se que o seu coeficiente é negativo e estatisticamente significativo (*pvalue*=0,000). Através disto, pode-se concluir

que, quando aumenta o número de anos de permanência de um auditor numa empresa, a qualidade de auditoria aumenta, em média, significativamente.

Analisando a continuidade do auditor e a dimensão da empresa auditada, paralelamente, verifica-se que, em ambos os casos, a qualidade de auditoria aumenta. Contudo, analisando os 2 efeitos em simultâneo, dado pelo  $b_6$  do modelo B-3.1, verifica-se que à medida que aumenta a dimensão da empresa auditada e o tempo de permanência do auditor nessa mesma empresa, a qualidade de auditoria aumenta, em média, de forma menos acentuada. Contudo, este efeito conjunto não é significativo ( $pvalue=0,315$ ).

As empresas à medida que aumentam o volume de ativos fixos tangíveis, em termos relativos, e o tempo de permanência do mesmo auditor a realizar trabalho de auditoria, tendem a apresentar, em média, uma menor qualidade de auditoria.

Por outro lado, as empresas com maior nível de endividamento apresentam, em média, menor qualidade de auditoria. Como se verificou anteriormente, a continuidade do auditor numa determinada empresa tende, em média, a aumentar a qualidade de auditoria. No entanto, o efeito combinado destas 2 variáveis, através do coeficiente  $b_6$  do modelo B-3.3, permite concluir que quanto maior é o nível de endividamento das empresas e maior o número de anos consecutivos em que um auditor realiza trabalho para essas empresas, a qualidade de auditoria tende a ser, em média, menor.

Por fim, as empresas que apresentem um maior retorno do investimento total da empresa e maior número de anos de permanência do mesmo auditor a realizar trabalho de auditoria, tendem a exibir um aumento da qualidade de auditoria mais acentuado.

### 7.3 Teste de Robustez

Com o objetivo de testar a sensibilidade do modelo à presença de *outliers*, estimou-se um modelo onde, ao contrário dos modelos anteriores, não foram eliminados os *outliers* (as observações abaixo do primeiro percentil,  $P_1$ , e acima do percentil 99,  $P_{99}$ ).

Os resultados da estimação do modelo com todas as observações e o do modelo sem os *outliers*, apresentam-se de seguida:

**Tabela 9 - Resultados do Teste de Robustez \***

Variáveis	Modelo OLS	
	Sem <i>Outliers</i> (B)	Com <i>Outliers</i>
<i>dbig4</i>	0,021*** (<0,000)	0,044*** -0,002
<i>dswitch_aud</i>	-0,008*** -0,001	-0,008*** -0,004
<i>tenure</i>	-0,012*** (<0,000)	-0,012*** -0,001
<i>size</i>	-0,006*** (<0,000)	-0,014*** (<0,000)
<i>tang</i>	-0,024*** -0,001	-0,012*** -0,003
<i>lev</i>	0,008*** (<0,000)	0,021*** (<0,000)
<i>roa</i>	-0,078*** (<0,001)	-0,022*** -0,002
Adj R-squared	12,79	10,94
Overall F-Test	687,42***	629,98***

\* O modelo inclui um termo constante e é baseado em 32.776 observações. O desvio padrão robusto perante heterocedasticidade está entre parênteses. \*\*\* p-values <0.01, \*\* p-values <0.05, e \* p-values <0.10.

Ambos os modelos são globalmente significativos, embora o coeficiente determinação do modelo sem *outliers* seja ligeiramente superior e o coeficiente

de determinação ajustado também. Isto permite concluir que há uma melhoria ao retirar os *outliers*, embora não muito significativa.

Individualmente, os coeficientes das variáveis não sofreram alterações significativas, dado o sentido de a associação entre as variáveis manter-se, sinal igual. Contudo, ao introduzir os *outliers* a variável *dswitch* deixa de ser significativa para níveis de significância abaixo de 5% (mas continua a ser significativa para  $b=10\%$ ).

Em termos de magnitude dos coeficientes, também se verificou alterações, podendo se verificar, acima de tudo, que o desvio padrão do coeficiente no modelo padrão com *outliers* é superior. Sendo possível concluir que a introdução dos *outliers* reduz a precisão as estimativas.

Em suma, globalmente o modelo não sofre alterações substanciais, mesmo tendo em conta as alterações provocadas pela introdução dos *outliers*.

# Capítulo 8

## Conclusão

A qualidade de auditoria é um tema base de muitos estudos, aplicados a várias realidades, no entanto, sem nunca ter como foco a realidade do mercado português. Surgiu assim, o ponto de partida para o desenvolvimento desta dissertação, onde o foco se concentrou na aplicação deste tema à Economia Portuguesa, com associação à qualidade da informação.

Com o objetivo de espelhar o máximo possível o tecido empresarial português, esta investigação focou-se na qualidade da auditoria de pequenas e médias empresas, ressaltando que as empresas alvo são retratadas pelo recurso frequente ao financiamento bancário e pela apresentação de resultados próximos do nulo ou, até mesmo, negativos. Desta forma, um aumento da reputação e solvabilidade das empresas, representado nas demonstrações financeiras, aumentarão as hipóteses de acesso ao financiamento e respetivas condições benéficas associadas.

Neste sentido, aferimos diferentes níveis de qualidade de auditoria como resultado da dimensão do auditor, da troca de auditor ou da permanência na mesma empresa, que foram o foco deste estudo. Para testar as hipóteses de investigação foi formulado um modelo de regressão que permitiu medir a qualidade de auditoria, proxy do nível de manipulação de resultados fomentada pelos gestores, baseado no modelo de *accruals* desenvolvido por McNichols (2002).

Chegou-se, assim, à conclusão de que empresas de auditoria *Big 4* apresentam uma menor qualidade de auditoria, contrapondo-se com os resultados apresentados por DeAngelo (1981) e Becker et al. (1998). Todavia, empresas com maior dimensão, maior endividamento ou resultados mais

negativos confirmam uma diminuição da qualidade de auditoria menos acentuada. Este resultado mostra uma preocupação acrescida por parte das auditoras *Big 4* quando confrontadas com empresas de maior risco ou que poderão pôr em causa a sua reputação (DeFond e Subramanyam, 1998; Lennox, 2000).

Permitiu ainda concluir, que a permanência do auditor em campo permite uma maior qualidade de auditoria, fruto do conhecimento que é adquirido ao longo dos anos. Resultado, este, em concordância com o defendido por Odia (2015) contudo, opondo-se ao defendido por Johnson et al. (2002). Esta linha de pensamento é corroborada por Solomon et al. (1999), em que consideram que o número de anos que o auditor trabalha numa determinada industria/empresa permite ter conhecimento dos erros comuns.

Paralelamente e, conforme apresentado por DeFond e Subramanyam (1998), foi verificado que a qualidade de auditoria também aumenta no ano de troca de auditor numa determinada empresa, visto que, ao longo dos anos o conforto do auditor vai aumentando e, por isso, uma nova visão sobre o negócio proporcionará uma abordagem diferente. Adicionalmente, nas empresas com maior dimensão, menor endividamento ou resultados mais negativos, verifica-se que o aumento da qualidade de auditoria é menos acentuado, em ambas as conclusões.

Face ao apresentado, este estudo enfrentou algumas limitações. Primeiramente, ao nível da amostra, pelo facto dos dados históricos do auditor serem bastante limitados na escala temporal. Assim sendo, o número de períodos analisados não permitiu verificar qual a altura em que a continuidade do auditor deixaria de ser vantajosa. Para além disso, o ano “um” da amostra foi considerado o primeiro ano do auditor na empresa, não considerando, assim, qualquer antiguidade. Por fim, durante a análise da amostra foram

detetados erros na base de dados disponibilizada pelo SABI quanto ao nome do auditor, pelo que obrigou à drástica diminuição do número de observações.

Por fim e face ao estudo efetuado, uma sugestão de investigação futura poderá cingir-se à análise da qualidade de auditoria no pré e pós adoção da rotatividade obrigatória do auditor em Portugal (regra implementada apenas em 2016). Como complemento, seria também uma mais-valia perceber o efeito na qualidade de auditoria, mas tendo como base apenas uma amostra de empresas cotadas. Isto prende-se pelo facto dos sucessivos escândalos, que põem em causa a credibilidade das auditoras, poderem obrigar à adoção de metodologias mais criteriosas para não afetar a sua reputação.

# Bibliografia

Becker, C. L., Defond, M. L., Jiambalvo, J., & Subramanyam, K. R. (1998). The Effect of Audit Quality on Earnings Management. *Contemporary Accounting Research*, 15(1), 1-24.

Bernard, V. L., & Stober, T. L. (1989). The Nature and Amount of Information in Cash Flows and Accruals. *Accounting Review*, 64(4), 624.

Cahan, S. F. (1992). The Effect of Antitrust Investigations on Discretionary Accruals: A Refined Test of the Political-Cost Hypothesis. *Accounting Review*, 67(1), 77-95.

Chasan, E. (2014). European Parliament Approves Mandatory Auditor Rotation. *The Wall Street Journal*.

Comissão Europeia. (2011). Comments by the Auditing Standards Committee of the Auditing Section of the American Accounting Association on the European Commission Green Paper on Audit Policy: Lessons from the Crisis *Green Paper*. American Accounting Association.

Coppens, L., & Peek, E. (2005). An analysis of earnings management by European private firms. *Journal of International Accounting, Auditing & Taxation*, 14(1), 1-17. doi:10.1016/j.intaccaudtax.2005.01.002

Costa, M., & Moreira, J. A. n. C. (2010). A Experiência do Auditor como Determinante da Qualidade da Auditoria: uma análise para o caso português. *Revista Contabilidade & Gestão*, 120, 9-47.

Cunha, M. R. (2013). Métodos Empíricos para Detetar Práticas de Manipulação de Resultados. *FEG, Universidade Católica Portuguesa*.

DeAngelo, L. E. (1981). Auditor Size and Audit Quality. *Journal of Accounting & Economics*, 3(3), 183-199.

DeAngelo, L. E. (1986). Accounting Numbers as Market Valuation Substitutes: A Study of Management Buyouts of Public Stockholders. *Accounting Review*, 61(3), 400.

Dechow, P. M., & Dichev, I. D. (2002). The Quality of Accruals and Earnings: The Role of Accrual Estimation Errors. *Accounting Review*, 77(4), 35.

Dechow, P. M., Hutton, A. P., Kim, J. H., & Sloan, R. G. (2012). Detecting Earnings Management: A New Approach. *Journal of Accounting Research*, 50(2), 275-334. doi:10.1111/j.1475-679X.2012.00449.x

Dechow, P. M., Kothari, S. P., & Watts, R. L. (1998). The relation between earnings and cash flows. *Journal of Accounting & Economics*, 25(2), 133-168.

Dechow, P. M., Sloan, R. G., & Sweeney, A. P. (1995). Detecting Earnings Management. *Accounting Review*, 70(2), 193-225.

DeFond, M. L., & Subramanyam, K. R. (1998). Auditor changes and discretionary accruals. *Journal of Accounting & Economics*, 25(1), 35-67.

Francis, J., LaFond, R., Olsson, P., & Schipper, K. (2005). The market pricing of accruals quality. *Journal of Accounting & Economics*, 39(2), 295-327. doi:10.1016/j.jacceco.2004.06.003

Francis, J. R., & Dechow, W. (2008). The Joint Effect of Investor Protection and Big 4 Audits on Earnings Quality around the World. *Contemporary Accounting Research*, 25(1), 157-191. doi:10.1506/car.25.1.6

Francis, J. R., Maydew, E. L., & Sparks, H. C. (1999). The Role of Big 6 Auditors in the Credible Reporting of Accruals. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 18(2), 17.

Geiger, M. A., & Raghunandan, K. (2002). Auditor Tenure and Audit Reporting Failures. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 21(1), 67.

Guidry, F., Leone, A. J., & Rock, S. (1999). Earnings-based bonus plans and earnings management by business-unit managers. *Journal of Accounting & Economics*, 26(1-3), 113-142.

Gul, F. A., Fung, S. Y. K., & Jaggi, B. (2009). Earnings quality: Some evidence on the role of auditor tenure and auditors' industry expertise. *Journal of Accounting & Economics*, 47(3), 265-287. doi:10.1016/j.jacceco.2009.03.001

Healy, P. M. (1985). The Effect of Bonus Schemes on Accounting Decisions. *Journal of Accounting & Economics*, 7(1/2/3), 85-107.

Healy, P. M., & Palepu, K. G. (1990). Effectiveness of Accounting-Based Dividend Covenants. *Journal of Accounting & Economics*, 12(1-3), 97-123.

Healy, P. M., & Wahlen, J. M. (1999). A Review of the Earnings Management Literature and Its Implications for Standard Setting. *Accounting Horizons*, 13(4), 365-383.

Holthausen, R. W., Larcker, D. F., & Sloan, R. G. (1995). Annual bonus schemes and the manipulation of earnings. *Journal of Accounting & Economics*, 19(1), 29-74.

International Federation of Accountants. (2009). International Standard on Auditing 200 - Overall Objectives of the Independent Auditor and the Conduct of an Audit in Accordance with International Standards on Auditing.

Johnson, V. E., Khurana, I. K., & Reynolds, J. K. (2002). Audit-Firm Tenure and the Quality of Financial Reports. *Contemporary Accounting Research*, 19(4), 637-660.

Jones, J. J. (1991). Earnings Management During Import Relief Investigations. *Journal of Accounting Research*, 29(2), 193-228.

Kim, H., Lee, H., & Lee, J. E. (2015). Mandatory Audit Firm Rotation and Audit Quality. *Journal of Applied Business Research*, 31(3), 1089-1106.

Lennox, C. (2000). Do companies successfully engage in opinion-shopping? Evidence from the UK. *Journal of Accounting & Economics*, 29(3), 321-337.

Li, D. (2010). Does auditor tenure affect accounting conservatism? Further evidence. *Journal of Accounting & Public Policy*, 29(3), 226-241. doi:10.1016/j.jaccpubpol.2010.03.004

Mansi, S. A., Maxwell, W. F., & Miller, D. P. (2004). Does Auditor Quality and Tenure Matter to Investors? Evidence from the Bond Market. *Journal of Accounting Research*, 42(4), 755-793. doi:10.1111/j.1475-679X.2004.00156.x

McNichols, M. F. (2000). Research design issues in earnings management studies. *Journal of Accounting & Public Policy*, 19(4/5), 313-345.

McNichols, M. F. (2002). Discussion of The Quality of Accruals and Earnings: The Role of Accrual Estimation Errors. *Accounting Review*, 77(4), 61.

Moreira, J. A. C. (2006). A manipulação dos resultados das empresas: um contributo para o estudo do caso português. *Working Paper, Faculty of Economics, Univ. of Porto*.

Myers, J. N., Myers, L. A., & Omer, T. C. (2003). Exploring the Term of the Auditor-Client Relationship and the Quality of Earnings: A Case for Mandatory Auditor Rotation? *Accounting Review*, 78(3), 779-799.

Odia, J. O. (2015). Auditor Tenure, Auditor Rotation and Audit Quality - A Review. *European Journal of Accounting, Auditing and Finance Research*.

PCAOB. (10 de Novembro 2016). Public Company Accounting Oversight Board Retrieved from <https://pcaobus.org/About/Pages/default.aspx>

Public Company Accounting Oversight Board. (2011). Concept Release on Auditor Independence and Audit Firm Rotation: Notice of Roundtable *PCAOB Release No. 2011-006*.

Schipper, K. (1989). COMMENTARY on Earnings Management. *Accounting Horizons*, 3(4), 91-102.

Seidman, J. S. (1939). Catching Up With Employee Frauds. *Accounting Review*, 14(4), 415.

Seok Woo, J., & Rho, J. (2004). Big Six auditors and audit quality: The Korean evidence. *International Journal of Accounting*, 39(2), 175-196.

Siew Hong, T., & Wong, T. J. (1993). Perceived Auditor Quality and the Earnings Response Coefficient. *Accounting Review*, 68(2), 346-366.

Solomon, I., Shields, M. D., & Whittington, O. R. (1999). What Do Industry-Specialist Auditors Know? *Journal of Accounting Research*, 37(1), 191-208.

Sweeney, A. P. (1994). Debt-Covenant Violations and Managers' Accounting Responses. *Journal of Accounting and Economics*, 17(3), 281-308.

Watts, R. L., & Zimmerman, J. L. (1978). Towards a Positive Theory of the Determination of Accounting Standards. *Accounting Review*, 53(1), 112.

Yasan, A. (2013). Big Four Auditors' Audit Quality and Earnings Management: Evidence from Turkish Stock Market. *International Journal of Business and Social Science*, 4(17).

Yasar, A. (2013). Big Four Auditors' Audit Quality and Earnings Management: Evidence from Turkish Stock Market. *International Journal of Business and Social Science*, 4(17).

Zucca, L. J., & Campbell, D. R. (1992). A Closer Look at Discretionary Writedowns of Impaired Assets. *Accounting Horizons*, 6(3), 30-41.